

Notas sobre a obra de Ignácio Rangel

Marcos Aurélio da Silva*

"O socialismo está presente, por certo, mas como superação de um capitalismo que tem ainda muito chão a palmilhar. E, nem esse capitalismo, nem esse socialismo, têm ou terão muito que ver com visões idealizadas que deles fazem seus corifeus. Como a reforma agrária, que estamos a pique de fazer, tem pouca coisa em comum com aquela que queríamos fazer nos anos 30".
I. Rangel, *Economia: milagre e antoi-milagre*, 1985.

Ignácio Rangel foi marxista de armas em punho.

Eis um dado que nem sempre está presente, como observou o rangeliano Armen Manigonian, nos diversos representantes da filosofia da práxis brasileira. E, por conta das suas atividades revolucionárias, nomeadamente os levantes conduzidos pela Aliança Nacional Libertadora em 1935, que o levaram a organizar duzentos camponeses no interior do Maranhão para a luta pela reforma agrária, chegou a cumprir prisão no Rio de Janeiro (onde também estavam Graciliano Ramos, Carlos Marighella e outros mais que se tornariam figuras de proa das lutas políticas de esquerda e da cultura comunista brasileira).

Não obstante, a derrota política foi também uma abertura para os estudos aprofundados a que iria se dedicar o marxista Rangel — à altura da chamada “Intentona Comunista” guiado fundamentalmente pelas lições que aprendera no *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels. Com efeito, se uma coisa pode ser dita acerca do marxismo que a partir deste momento desenvolve Ignácio Rangel, esta é certamente a de que ele o tem rigorosamente como um método de apreensão das tendências de fundo do processo histórico. Um caminho interpretativo que, afastando-se de todas formas de espontaneísmo, não é estranho aos grandes nomes do pensamento marxista do século XX que souberam se deixar influenciar pelo pensamento de Lenin. (Pensemos, por exemplo, em György Lukács e, ainda mais notadamente, Antonio Gramsci.)

É fácil perceber esta influência observando a principal área de reflexão de Rangel, a saber, a formação social brasileira. Trata-se, segundo, ele, de uma formação que cumpriu seu contraditório desenvolvimento marcado por

* **Docente da Universidade Federal de Santa Catarina**

processos mais bem definidos pelo conceito leniniano de via prussiana, entre nós encarnada, insistia Rangel, sob a forma de uma formação que evolui como uma dualidade — termo frequentemente mal interpretado pelos críticos do autor, incapazes de ver que, com ele, Rangel queria se referir a processos que encerram articulações dialéticas de modos de produção.

Assim é que, na independência, a hegemonia da classe dos barões senhores de escravos se fazia articular com a dos capitalistas comerciais de exportação e importação; na abolição-república, a hegemonia destes últimos foi acompanhada da posição secundária dos mesmos barões no aparelho de Estado, agora forçados a uma forma determinada de relações de relações feudais; e, na Revolução de 30, os industriais tiveram que repartir o poder com uma dissidência deste baronato feudal, que nessa quadra histórica lograva ascender à posição hegemônica no aparelho de Estado.

Ao fim e ao cabo, tratava-se de redefinições na estrutura política do Estado que repercutiam contradições entre as forças produtivas e as relações de produção, critério interpretativo que Rangel jamais deixava de utilizar articulando as esferas nacionais e internacionais — o que, aliás, constitui também um bom exemplo da forte filiação leninista do autor, que nunca deixou de perder de vista — como acabou ocorrendo com o revisionismo eurocomunista — as movimentações do imperialismo.

Tendo bem presente o imperialismo — que, aliás, para o Rangel seguidor de Lenin, punha às portas o socialismo, também jamais renegado pelo autor (Gorbachev para ele era um apóstata) — a leitura que nosso autor fazia da economia internacional não era, todavia, aquela que enfatizou a putrefação e a crise final do capitalismo. Para Rangel era muito forte a ideia de que o capitalismo mundial respondia a uma dinâmica cíclica de longa duração (os Kondratievs), dinâmica esta que afetava e provocava mudanças nas relações de produção e nos pactos de poder internos. Aliás, também cíclica era a análise que fazia da economia nacional, extraindo daqui uma obra clássica sobre a inflação brasileira que foi capaz de alvejar tanto os economistas neoclássicos quanto os estruturalistas da CEPAL.

Na verdade, não seria demais dizer que a pior coisa a extrair da leitura dos textos de Rangel é a ideia de que eles são textos datados. Com efeito, e para dar apenas dois exemplos, os elementos presentes na análise que faz o posfácio de *A inflação brasileira* (1978), bem como aqueles utilizados para interpretar a dívida pública que se avoluma na década de 1980, continuam a auxiliar na interpretação da economia nacional e suas mazelas. A ver a preferência da burguesia que aqui opera pela especulação com terras e

imóveis, e ainda toda a especulação com os títulos da dívida pública de que temos notícia.

Não obstante, como tem ocorrido com diversos marxistas nesta era de hegemonia neoliberal (lembremos o que acontece com o pensamento de Gramsci), é verdade que também Rangel tem sido alvo de uma espécie de revisionismo. Por exemplo, não será difícil encontrar quem, referindo-se a ele para fazer notar a inatualidade de uma reforma agrária de extração romântica (neste caso acertadamente e também revelando outra influência leniniana), ignore que a nosso autor era cara a ideia de que a formação social brasileira, chegando aos píncaros da industrialização, encontra-se diante de uma estrutura agrária “por reformar”.

E eis aqui a frequente advertência quanto às tendências à especulação com terras e títulos da dívida pública a qual tendia o capitalismo autóctone nas crises. Mazelas que, para Rangel, apenas podem encontrar um combate decisivo através de um elevado grau de planejamento, processo este capaz de reorientar as atividades privadas e públicas no interior da economia nacional — tudo isso interessando, na particular análise do autor, à reorganização das relações internas de produção e à tarefa de enfrentamento da hegemonia imperialista.

* * *

Abaixo o leitor do blog poderá encontrar uma série de textos centrais de Ignácio Rangel onde as ideias aqui brevemente resumidas encontram-se expostas com profundidade. Além destes textos centrais — entre os quais caberia destacar os livros *Dualidade básica da economia brasileira*, *A inflação brasileira* e, para os iniciantes, o opúsculo *Economia: milagre e anti-milagre* —, uma série de outros artigos seus sobre temas diversos acompanha também esta edição, bem como alguns textos de comentadores de sua obra.